

Bebê pobre tem 10 vezes mais pneumonia que bebê rico

Carlos Mesquita

Sérgio Adeodato

A respiração da criança brasileira pobre está cansada e ofegante, à espera de uma ação que tire a pneumonia do primeiro lugar da lista das doenças que mais matam menores de cinco anos no país. Preocupados em identificar as causas desse quadro, pesquisadores do Instituto Fernandes Figueira (IFF), hospital pediátrico da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), estudaram 262 crianças de duas comunidades de baixa renda do Rio — a favela de Santa Marta e o conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, ambos na Zona Sul do Rio — e descobriram que a incidência de infecções respiratórias mais graves, como a pneumonia e a bronquite, é 10 vezes maior que nos países desenvolvidos.

A pesquisa faz parte de um estudo internacional, envolvendo 14 países da América Latina, África e Ásia, organizado pela Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. "Queremos conhecer os fatores de risco associados às infecções respiratórias dentro das comunidades pobres, para fornecer subsídios ao governo para a elaboração de campanhas eficazes contra essas doenças", explica o pediatra Frits Suttmöller, coordenador do grupo do IFF.

Os males respiratórios, que vão da simples gripe à pneumonia dupla, são responsáveis por um terço das 400 mil mortes anuais de crianças brasileiras menores de cinco anos (o restante fica por conta da diarreia, da desnutrição e das doenças que podem ser prevenidas com vacinas). No mundo, as doenças respiratórias matam 4 milhões de crianças por ano — o equivalente às mortes provocadas pela queda de um Jumbo 747 a cada 45 minutos.

"Mesmo assim, o governo brasileiro não tem um programa dirigido especificamente contra as doenças respiratórias", lamenta Suttmöller, informando que a principal dificuldade para isso é o escasso conhecimento sobre os fatores de risco que geram essas infecções. Se o Brasil continuar nesse ritmo, dificilmente cumprirá a meta da Organização Mundial de Saúde de reduzir em dois terços a mortalidade infantil até o ano 2000.

"As infecções respiratórias são causadas pelas condições de vida da população menos favorecida, como a falta de assistência à saúde materno-infantil, a desinformação dos pais e a desnutrição, que debilita ainda mais o já fraco organismo dessas crianças", observa Suttmöller. "Os números mostram que os poucos programas do governo na área materno-infantil não são eficientes", acrescenta o pediatra.

O estudo das crianças do morro de Santa Marta e da Cruzada São Sebastião revelou que o risco de contrair infecções respiratórias é 30% menor para crianças que foram amamentadas nos primeiros quatro meses de vida.

Bebês prematuros ou de baixo peso, gerados por mães que não fizeram exame pré-natal corretamente, têm 20% a mais de chance de ficar doentes. A incidência das infecções respiratórias foi 20% menor entre os que receberam vacinação completa e 30% menor nas crianças bem nutridas. A aglomeração de pessoas em pequenos espaços dentro das casas facilita a transmissão de vírus e bactérias. Em residências onde há mais de três pessoas por quarto, o risco aumenta 40%. "Às vezes a mãe tem o bacilo da tuberculose no organismo e transmite para os filhos mesmo sem apresentar sintomas da doença", adverte a médica Laurinda Higa, do Departamento de Pediatria do IFF.

"Estamos nos preparando para receber grande número de bebês doentes a partir do início de abril, até setembro, época em que a epidemia de infecções respiratórias é mais intensa, por causa da temperatura mais baixa", informa a pediatra. Segundo o estudo do IFF, os bebês das comunidades pobres adoecem com problemas respiratórios cinco a oito vezes por ano.

No Brasil, 12 milhões de crianças e adolescentes de até 17 anos vivem em condições de pobreza absoluta, isto é, a renda mensal per capita da família é igual ou inferior a um quarto do salário mínimo (Cr\$ 4.250,00). Essas crianças têm 24% a mais de chance de sofrer doenças respiratórias, segundo o estudo do IFF. O risco também é maior para as mães menores de 17 anos.

Grande parte da população pobre vive em áreas sem mínimas condições de higiene e saneamento e convive com a diarreia, além da pneumonia. A pesquisa com crianças do Rio revelou que crianças que apresentam diarreias frequentes têm três vezes mais chances de ter infecções respiratórias, porque seu sistema imunológico já está mais debilitado.

"As infecções respiratórias são causadas por um complexo de fatores, não adianta combater apenas um dos lados. É preciso uma campanha que ensine os pais a descobrir precocemente problemas respiratórios nos filhos", sugere Suttmöller. "A mãe pode facilmente identificar uma infecção colocando a mão no peito do filho para sentir o ritmo da respiração. Se a criança estiver inspirando mais de 50 vezes por minuto, é sinal de que há algo de errado", ensina o pediatra.

A identificação precoce evita a evolução da doença e a internação da criança. Noventa por cento dos casos poderiam ser facilmente resolvidos nos postos de saúde dos bairros. "Os pais estão muito desinformados sobre essas doenças. Quando o bebê chega ao hospital, muitas vezes não há mais jeito", adverte. "As mães convivem tanto com a tosse dos filhos que consideram esse sintoma coisa normal."



Solange gasta metade de seu pequeno salário com uma alimentação especial para Diego